

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE SOBRE O ENSINO DE MODELAGEM E COSTURA E INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Josenísia Fernandes Braga

Moally Janne de Brito Soares Medeiros

Resumo

Na região do Seridó Potiguar, uma escola de educação profissionalizante se destaca no ensino de modelagem e costura para aqueles que desejam se capacitar e adentrar neste mercado de trabalho, em virtude da potencialidade e do atual desenvolvimento desse setor na região. Por este motivo, o objetivo dessa pesquisa foi analisar a percepção dos alunos de uma escola de educação profissionalizante na área de modelagem e costura sobre o ensino da instituição e possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Trata-se de uma pesquisa científica caracterizada como descritiva, bibliográfica e qualitativa, os dados foram coletados por um questionário do *Google Forms*, composto por 12 perguntas mistas, tendo alcançado 90 participantes, abrangendo alunos e ex-alunos da instituição analisada. Os resultados mostraram que o público da escola é em sua maior parte composto por mulheres acima de 40 anos que buscam o curso por desejo pessoal, qualificação profissional ou momento de terapia. No mais, consideram que aprenderam a costurar e modelar e revelam que estão atuando na área, seja de forma autônoma, em ateliês próprios, ou dentro de fábricas. Apresentam ainda que o curso contribuiu para sua qualificação e inserção no mercado de trabalho, o que tende a influenciar sua intenção de indicá-lo para outras pessoas.

Palavras-chave: Ensino profissionalizante; Modelagem; Costura.

Abstract

In the Seridó Potiguar region, a vocational school stands out for teaching pattern-making and sewing to those who wish to train and enter this job market, due to the potential and current development of this sector in the region. For this reason, the aim of this research was to analyze the perception of students at a vocational school in the area of pattern-making and sewing about the institution's teaching and the possibility of entering the job market. This is a scientific study characterized as descriptive, bibliographical and qualitative. The data was collected using a Google Forms questionnaire, made up of 12 mixed questions, reaching 90 participants, including students and former students of the institution analyzed. The results showed that the school's public is mostly made up of women over the age of 40 who are looking for the course out of personal desire, professional qualification or a moment of therapy. What's more, they consider that they have learned to sew and pattern-make and reveal that they are working in the area, either independently, in their own workshops, or in factories. They also say that the course has contributed to their qualification and entry into the job market, which tends to influence their intention to recommend it to other people.

Keywords: Vocational training; Modeling; Sewing.

1 Introdução

O setor têxtil e de confecção é um dos mais produtivos do Brasil. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção - ABIT - (2023), o país detém da cadeia têxtil mais completa do ocidente, desde a plantação de fibras até os eventos da área, é uma indústria

que está no Brasil há 200 anos, consolidando-o como referência nos segmentos de moda praia, jeanswear e homewear.

O Brasil ganha destaque também na produção de produtos de vestuário, meias, acessórios e bens correlatos, tendo produzido em 2021, 8,1 bilhões de peças, enquanto em 2020, 7,9 bilhões de produtos foram produzidos (ABIT, 2023). Em Caicó, no Rio Grande do Norte, a produção têxtil é uma das forças locais, por exemplo, o município é um dos maiores produtores de bonés do Brasil, somadas a isto, há as atividades artesanais como o bordado, responsável por impulsionar a economia e valorizar a cultura da cidade.

Compondo essa indústria tem-se a área da modelagem, a qual como apontado por Biéguas, Vieira e Lachi (2014), dentro da confecção, pode ser tida como um diferencial competitivo de mercado. Logo, é necessário que os profissionais do setor estejam cada vez mais preparados e capacitados para atuar nessa indústria crescente e volumosa.

Dados da ABIT (2023) apresentam que o setor de confecção é o segundo que mais emprega no país, tendo uma média de 1,34 milhão de trabalhadores formais e 8 milhões indiretos e efeito renda, do qual 60% é composto por mulheres. Pode-se dizer que o ensino profissionalizante foi de suma importância para o reposicionamento da mulher na sociedade, sendo necessário pensar o quão pertinente é a educação e o ensino para a capacitação profissional, seja na área de têxtil e confecção ou qualquer outro ramo e para qualquer identidade de gênero.

Em Caicó, e na região do Seridó, uma escola de educação profissionalizante se destaca no ensino de modelagem e costura para aqueles que desejam se capacitar e adentrar neste mercado de trabalho, em virtude da potencialidade e do atual desenvolvimento desse setor na região. Teixeira *et al.* (2019) apontam que a região do Seridó possui um ritmo de produtividade têxtil e de confecção de 21 mil peças por dia, obtendo 1.800 empregos nas oficinas de costura.

Para que a modelagem e a costura admitam notoriedade no setor têxtil, é necessário que os profissionais busquem se capacitar e aperfeiçoar suas habilidades. Souza e Pereira (2020) argumentam que em virtude do caráter cíclico da moda e da necessidade de inovação do mercado, cabe aos profissionais desenvolverem a criatividade para desempenhar suas tarefas dentro desse contexto.

Considerando a relevância do setor de confecção e vestuário no Brasil, e mais especificamente na região do Seridó, é necessário compreender como as escolas profissionalizantes da área vêm preparando seus alunos para atuar no mercado de trabalho. Sendo assim, este parece ser um objeto de pesquisa promissor para analisar a qualidade do ensino e potencial de empregabilidade dos egressos no mercado.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa é analisar a percepção dos alunos de uma escola de educação profissionalizante na área de modelagem e costura sobre o ensino da instituição e possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Os objetivos específicos do estudo são: a) identificar a motivação dos alunos para o curso; b) descrever como o curso auxiliou os egressos na inserção no mercado de trabalho e; c) apontar possíveis melhorias para o curso.

Tendo traçado os objetivos, o artigo encontra-se dividido em referencial teórico, metodologia, análise e discussão dos resultados, considerações finais e referências bibliográficas utilizadas no texto.

2. Referencial Teórico

2.1 Modelagem

O processo de confecção de um produto de vestuário pode ser mais complexo do que se imagina, ele envolve diferentes etapas, sendo a modelagem uma das mais importantes. A modelagem se situa na fase operacional da confecção, é o momento de possibilitar a produção de um produto de vestuário, independentemente de sua técnica (Crepaldi; Jamil, 2020).

Para Domingos (2018), a modelagem surge quando o homem da pré-história descobre o curtimento de pele animal e agulhas de ossos, pois, pelo fato de utilizar esta pele como vestimenta sob os ombros, alterações precisavam ser feitas para dar maior movimento ao corpo. Emídio (2018) complementa que em virtude dessas adaptações cavas e decotes surgiram.

Conforme Souza e Pereira (2020), ela advém, ainda, de conhecimentos adquiridos em casa, de forma independente ou com familiares, com erros e acertos. Sua prática vai ao encontro ao ofício do alfaiate, responsável por ser um dos primeiros profissionais a desenvolver peças sob medidas, e pela construção informal de peças em domicílio (IDEM, 2020).

Pode-se definir modelagem como uma técnica para o desenvolvimento de produtos de vestuário, por meio da interpretação de moldes (Emídio, 2018; Domingos, 2018). Biégas, Vieira e Lachi (2014) explicam que o molde nada mais é do que um diagrama completo utilizado para a elaboração de uma peça, constituído de partes individuais que formam uma unidade completa quando posicionadas juntas.

A elaboração de uma modelagem pode ocorrer de diferentes formas, seja por meio da modelagem plana, da moulage ou da modelagem computadorizada. Na modelagem plana os processos são manuais e desenvolvidos sob uma mesa com papel específico para modelagem, tesoura, fita métrica e diferentes réguas para a produção dos moldes (Domingos, 2018; Biégas; Vieira; Lachi, 2014).

Neste tipo de modelagem, o profissional utiliza o conhecimento da geometria e da anatomia do corpo humano, com os quais constrói diagramas feitos no papel, ou seja, o molde. Essas linhas, traçadas no papel, são compostas por traços ou linhas horizontais e verticais, baseadas em medidas do corpo (Domingos, 2018, pp. 78-79).

Souza (2006) apresenta que a produção de uma modelagem plana contempla diferentes etapas, as quais podem ser vistas no Quadro 1.

Quadro 1: Etapas para produção de modelagem

ETAPA	DESCRIÇÃO
Verificação da tabela de medidas	Uso das medidas adequadas para determinado consumidor
Traçado do diagrama das bases de modelagem	Representação gráfica do corpo humano, auxiliada pela tabela de medidas. Essa etapa constitui a modelagem base, que define a grade de tamanho de determinada peça e serve de referência para mais modelagens

Interpretação de modelo específico	É a análise do modelo a ser desenvolvido para a definição das medidas complementares (folgas, comprimentos, volumes etc.)
Transformação das bases conforme o modelo específico	Tendo selecionadas as medidas complementares, segue para as alterações na modelagem base, para alcançar o modelo pretendido
Preparação da modelagem para o corte do protótipo	<ol style="list-style-type: none">1. Corte e montagem da peça, após essas etapas são realizadas análise e avaliação;2. Se necessário, realizar correções na modelagem;3. Elaboração da modelagem para construção da peça-piloto e, posteriormente, para produção final
Gradação dos moldes	Ampliação e redução dos moldes para obter diferentes tamanhos, dentro da tabela de medidas utilizada

Fonte: Adaptado de Souza (2006).

Por sua vez, na moulage, a modelagem tridimensional, os moldes são desenvolvidos diretamente em manequins e planificados posteriormente (Domingos, 2018; Biégas; Vieira; Lachi, 2014).

Modelagem tridimensional é uma técnica executada pela manipulação do tecido sobre o manequim, possibilitando a visualização das três dimensões da peça: altura, largura e profundidade do modelo, de frente, costas e lateral. Esta técnica consiste em colocar sobre a forma ou corpo retangular de tecidos marcados com linhas fundamentais do corpo, linha do busto, cintura, quadril, tanto na vertical quanto na horizontal, correspondendo a fio, urdume e trama do tecido. O tecido vai se modelando na anatomia do corpo, de acordo com o modelo desejado pelo designer (Domingos, 2018, pp. 79-80).

Tem-se ainda a modelagem computadoriza, na qual os moldes são criados diretamente em *softwares* específicos ou em papel, e enviados para o computador por meio de uma mesa digitalizadora ou fotografia digital (Domingos, 2018; Biégas; Vieira; Lachi, 2014). Segundo Domingos (2018) esses programas podem ser o *computer-aided design* - desenho assistido por computador - (CAD), e o *computer-aided manufacturing* - manufatura assistida por computador - (CAM).

Segundo esses conceitos, pode-se dizer que a modelagem, de maneira geral, como apontado por Domingos (2018) considera a anatomia humana, suas funções e necessidades. Visto que para a elaboração de um molde é necessário conhecer as formas, as medidas e o movimento do corpo (Menezes; Spaine, 2010).

Menezes e Spaine (2010, p. 83) apontam que ela “[...] atende às necessidades de conforto, durabilidade e funcionalidade do produto”. Podendo variar conforme o tecido utilizado para a confecção da peça, devido às medidas do corpo humano e, também, pela ergonomia projetada ao produto, logo, atribui-se à modelagem a finalidade de dar sentido ao corpo humano através das formas criadas nas peças de vestuário (Emídio, 2018).

Ao conhecer as formas de se produzir uma modelagem, suas configurações e elementos compreendidos, observa-se o valor empregado a um produto de vestuário, não apenas o valor financeiro, mas a dedicação empenhada nesta parte da confecção. A seguir é apresentada e debatida uma outra operação, também bastante pertinente, no desenvolvimento de uma peça: a costura.

2.2 Costura

Desde a pré-história, motivado por sobrevivência, o homem apresenta interesse pelo vestir, os historiadores relatam o uso de ossos e dentes de animais como agulhas para unir a pele de animais em tentativas de projetar mudanças em uma vestimenta, isso pode ser considerado, de maneira rudimentar, como o início da atividade de costura (Bordin, 2019; Nobrega; Oliveira, 2015).

Os ossos eram utilizados como raspadores e ganchos, algumas fibras como cordões para prender as peles ao corpo. Posteriormente, com os avanços da civilização e das tecnologias os metais otimizaram o processo da costura (Bordin, 2019; Nobrega; Oliveira, 2015).

Se percebe assim que a costura, ainda não denominada como tal, está presente desde a origem da evolução humana, sendo essa uma atividade crucial na confecção e ajustes de produtos de vestuário. No entanto, Bordin (2019) fala que embora seja uma atividade laboral antiga, ela ainda não é vista como pertinente, e isso pode ser justificado pela pouca bibliografia da área.

Enquanto atividade laboral, e posteriormente, reconhecida como profissão, segundo Novaes (2016), a costura sofreu várias mudanças, no quesito de organização, em virtude do cenário social e histórico que percorreu. Isso porque o ato de costurar é uma prática associada à imagem feminina desde muito tempo, por considerá-la dócil, cuidadosa e habilidosa com as mãos, características positivas no âmbito da costura, como as mulheres não podiam atuar na indústria, costurar em casa fazia parte de sua rotina, depois de longos períodos, quando adentraram no mercado de trabalho dentro das fábricas, ocupavam vagas de costureiras, pois estas eram destinadas exclusivamente para as mulheres (Frasquete; Simili, 2017).

A costura era encarada como validação do ser mulher, era uma atividade que compunha a educação e preparação pessoal e familiar das moças, que desde pequenas eram estimuladas a saber costurar.

[...] ideias educacionais rígidas reafirmavam os papéis indissociáveis de mãe, esposa e dona-de-casa exemplar, a quem a atuação profissional consistia em trabalhos que poderiam ser realizados no seio do lar, como maneira de servir aos filhos e marido e em último caso, de complementar a renda da família. Partindo dessa ideia às mulheres eram destinados serviços como costurar e bordar, conhecidos como prendas domésticas e que eram práticas ensinadas tanto de mãe para filha, como por cursos presenciais ou por correspondência, tendo sido amplamente difundidas pelas revistas femininas veiculadas no período, que apresentavam em seus fascículos cadernos com dicas de moda e de construção de moldes (Frasquete; Simili, 2017, p. 270).

Com o passar do tempo esse cenário foi mudando de forma lenta. Em meados do século XVI, embora as mulheres já ocupassem cargos de costureiras, elas não assumiam posições altas dentro da hierarquia organizacional das fábricas, o que as direcionou para um ambiente de costura familiar, feita em casa e sob encomenda (Novaes, 2016).

Conforme Souza (2006), ao longo dos séculos XIX e XX, os alfaiates eram responsáveis pela confecção de trajes femininos e masculinos, e suas atividades envolviam aferir as medidas dos clientes, cortar e costurar as peças, por sua vez, a costureira era incumbida de costurar apenas peças usadas por baixo da roupa principal, o que mudou um período depois, quando esta passa a poder confeccionar peças femininas e infantis.

Dentro desse contexto, já se encaminhando para uma maior autonomia de suas produções, as costureiras (já conhecidas como tal) dão um novo passo em sua história. Segundo Novaes (2016), por volta do final do século XIX e início do século XX as costureiras passam a ter seu trabalho reconhecido e valorizado, assumindo participação econômica no ganho

familiar, um desses motivos é que elas passam a atuar diretamente com as clientes, atendendo suas demandas, deixando de trabalhar para os alfaiates.

No Brasil, devido à instalação de mais fábricas de confecção no início do século XX, a demanda por profissionais de corte e costura aumentou e reverberou na necessidade da abertura de cursos profissionalizantes da área (Souza; Pereira, 2020). Essa ampliação na oferta de cursos chega para somar com a qualificação das mulheres, se antes os cursos eram ofertados por correspondência e elas aprendiam a costurar em casa, este é o momento de aprender de forma técnica e aperfeiçoar suas habilidades, pois como relatam Guimarães e Morgenstern (2016), a indústria de confecção, sobretudo o setor de costura, é uma das que mais emprega mulheres com baixa escolaridade.

Assim sendo, a educação foi um dos responsáveis por qualificar e potencializar as mulheres para a atuação no mercado de trabalho, que mesmo dentro um contexto patriarcal e limitante, admitiu seu reconhecimento profissional. A qualificação de profissionais da costura pode contribuir para esse setor e expansão do mercado de trabalho (Guimarães; Morgenstern, 2016).

Tendo em vista esse parâmetro, a seção seguinte abrange a temática do ensino, debatendo como a forma de repassar conhecimento influencia no processo de aprendizagem e na atuação dos futuros profissionais, inclusive dentro da área de modelagem e costura.

2.3 Ensino Profissionalizante

Na busca por uma maior qualificação profissional e crescimento pessoal, o ensino aparece como meio para que diferentes técnicas e conhecimentos sejam adquiridos pelas pessoas e colocados em prática, independente do período da vida. Com as transformações sociais, econômicas e tecnológicas advindas com a modernidade, as formas de ensinar vêm se modificando e visando uma nova concepção no processo de ensino e aprendizagem.

Como apontado por Freire (2015), ensinar não é um processo de transferência de conhecimento. O ato de ensinar deve ser entendido como percurso facilitador na aquisição de um conhecimento, e não como algo imposto, especialmente se seguida a hierarquia professor-aluno.

Como mencionado, o ensino vem passando por transformações, sobretudo no processo de construção do conhecimento, o professor não é mais o centro do saber, não há mais essa hierarquia (Nunes; Rocha, 2018). Souza e Pereira (2020) complementam que o aluno passa a ser o centro do ensino e da aprendizagem, sendo necessário que este contribua de forma ativa para a construção do conhecimento, enquanto o professor assume a posição de mediador.

[...] a memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona como um paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como um sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa da sua construção (Freire, 2015, p.67).

Além disso, o ensino deixa de ser tecnicista e admite uma nova característica, segundo Guimarães e Morgenstern (2016) o ato de ensinar, por meio de uma concepção intersubjetiva, pressupõe o diálogo e a autorreflexão, é a busca pelo conhecimento pautada na construção coletiva do conhecimento, através de debates e discussões em grupo. Crepaldi e Jamil (2020, p. 3) argumentam que “ [...] uma das funções do educador buscar a evolução do ensino por meio de melhoria das metodologias e práticas pedagógicas, para torná-las viáveis e representativas significativamente aos aprendizes”.

A prática educativa é o suporte que impulsiona a busca pelo aperfeiçoamento das metodologias docentes. Quando a prática se apoia em atividades exaustivas e repetitivas, não exige que o educando haja sobre a informação de forma crítica, a fim de refletir sobre suas ações e gerar novas possibilidades. Em resposta a este cenário, sobre a ação docente, infere-se que há o desejo e o dever de formar estes indivíduos através de práticas eficientes (Crepaldi; Jamil, 2020, p. 4).

Para Freire (2015, p. 57), “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados”. Essa afirmação destaca que o processo de aprendizagem da vida humana é contínuo, esse termo “inacabado” reafirma isso, pois o conhecimento vem para agregar, para complementar os saberes individuais de cada um. Vale considerar que ensinar não está restrito aos conhecimentos técnicos e ao domínio do conteúdo pragmático, os saberes dos professores devem ultrapassar essa barreira para que possam adquirir outras habilidades educacionais (Domingos, 2018).

Sabendo da necessidade de propor estratégias de ensino mais participativas e menos tecnicistas, em virtude do comportamento atual dos discentes em sala de aula, há de se considerar ainda os ambientes em que o ensino e a aprendizagem podem acontecer. Pois, como dito por Guimarães e Morgenstern (2016) a aquisição de um conhecimento vai além de espaços físicos, como a sala de aula, visto que o ciberespaço passa a representar, na atualidade, um canal contribuinte para o ensino.

Somado a todos esses processos, metodologias, comportamentos e ambientes de ensino, um outro atributo que contribui para a construção do conhecimento é o caráter prático do ensino, inclusive no ensino de modelagem e costura. Teorias e práticas estão alinhadas no processo de assimilação e entendimento de um conhecimento, é um processo comum da vida humana, o qual solidifica a aquisição de um saber (Crepaldi; Jamil, 2020).

Os alunos não desejam apenas obter o conhecimento, eles tendem a querer pôr em prática o que sabem e aprenderam, e, até mesmo, aprender por meio da tentativa e do erro. Por exemplo, o ensino da modelagem deve partir da premissa de que o aluno possui autonomia para inovar na técnica utilizada na construção de um molde, pois o ensino rígido e tecnicista da área não é mais promissor, a percepção dos discentes e a sua criatividade dependem de uma metodologia menos arbitrária (Emídio, 2018).

Nesse sentido, possibilitar atividades prática no ensino permite que os alunos se apropriem de um conhecimento, pois o estímulo e a curiosidade despertados pela orientação de um professor, viabiliza o interesse para aprender e a pré-disposição para uma experiência educacional mais proveitosa, na qual se aprende antes, durante e depois da atividade prática (Crepaldi; Jamil, 2020). Se os alunos passam a ocupar o centro do processo do processo de ensino, é importante que estes estejam engajados e participem de forma ativa nesse percurso e nas atividades práticas.

Guimarães e Morgenstern (2016) colocam que a interação no ensino da costura potencializa a aprendizagem, visto que a relação professor-aluno-equipamentos resulta em uma maior compreensão do que se está sendo ensinado. Em complemento, Emídio (2018) traz que professores de modelagem devem estimular nos alunos a resolução problemas por meio da criatividade e levar em consideração suas experiências e conhecimentos pessoais para fortalecer os resultados.

O ensino está mais dinâmico e participativo, a forma de ensinar passa a ser mais humanizada e menos sistematizada, o comportamento de professores e alunos e o ambiente se transformou. Na área de modelagem e costura não é diferente e essas modificações devem

se fazer presente, pois a indústria têxtil requer profissionais inovadores e criativos, sendo assim, os educadores devem estabelecer metodologias que estimulem todo o potencial dos educandos.

3. Metodologia

Para a elaboração desta pesquisa, alguns métodos foram adotados para orientar seu desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa científica caracterizada como descritiva, bibliográfica e qualitativa, ao buscar analisar a percepção de discentes de uma escola de educação profissionalizante do Seridó/RN.

O estudo possui abordagem qualitativa, pois, como reforça Richardson (1999), permite um maior aprofundamento naquilo que se está observando e analisando, sendo utilizada com o objetivo de obter percepções e situações mais. Além disso, pode-se apontar uma tipologia descritiva, visto que como apontado por Gil (2002), pesquisas descritivas apresentam as características de um objeto ou fenômeno, podendo estabelecer relação entre suas variáveis.

Os dados foram coletados por um questionário (Quadro 2) do *Google Forms*, composto por 12 perguntas, algumas abertas, em que o respondente poderia utilizar de suas próprias palavras e outras de múltipla escolha. Segundo Mota (2019, p. 373) o Google Forms “é um aplicativo que pode criar formulários, por meio de uma planilha no Google Drive. Tais formulários podem ser questionários de pesquisa [...]”.

O questionário foi enviado para alunos e ex-alunos da referida instituição, os quais representam uma amostragem da pesquisa intencional, pois o link do Google Forms foi encaminhado para aqueles que constavam nos registros da instituição. Ao final, 90 participantes contribuíram com a pesquisa.

Optou-se por esse instrumento de coleta pois ele pode ser aplicado sem a presença do pesquisador e permite alcançar uma maior quantidade de pessoas, além disso, são perguntas padronizadas que facilitam a interpretação do respondente e, conseqüentemente, a comparação das respostas (Marconi; Lakatos, 2003). Vale ressaltar que todas as perguntas foram preenchidas de forma anônima, e na seção de análises as respostas estão identificadas por R1, R2, R3 e, assim, sucessivamente.

Quadro 2: Questionário de Pesquisa

Faixa etária
Gênero
Escolaridade
Em qual ano você fez o curso de modelagem e costura?
Por qual motivo resolveu fazer o curso?
De que maneiras o curso foi positivo para você?
De 0 a 10, quanto você considera que aprendeu a costurar?
De 0 a 10, quanto você considera que aprendeu a modelar?
Quais dificuldades suas na modelagem e costura o curso não conseguiu resolver?

Após o curso, você passou a atuar na área? Se sim, de que forma e em quais lugares (fábricas, lojas, ateliês). Se não, por qual motivo?

Recomendaria o curso para outras pessoas? Se sim ou se não, por qual motivo?

Para você, o que poderia melhorar no curso?

Fonte: Elaborado pela autora.

Dados secundários foram coletados através da pesquisa bibliográfica, que incluiu produções acadêmicas sobre modelagem, costura e ensino profissionalizante. Segundo Marconi e Lakatos (2003) esse tipo de pesquisa contempla livros, artigos científicos, teses, monografias e outros documentos que possam permitir a compreensão de determinado tema por parte do pesquisador.

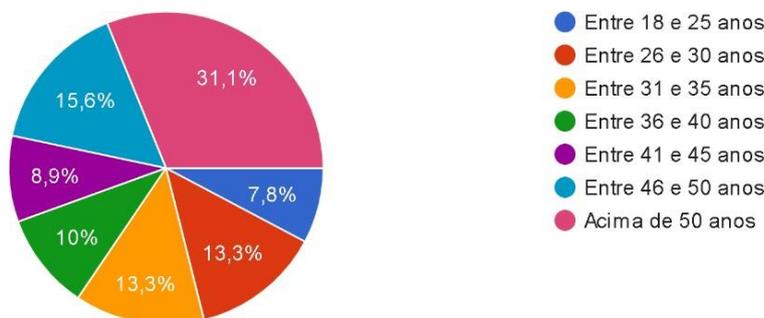
A análise dos resultados ocorre de maneira interpretativa e qualitativa, buscando compreender como os participantes da pesquisa visualizam sua atuação dentro do curso mencionado, sua evolução profissional e preparação para o mercado de trabalho. Junto a isso é possível correlacionar com a literatura sobre o assunto e tecer os resultados deste estudo. A discussão estará a seguir.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Dentre o total de 90 participantes cabe caracterizar essas pessoas, e, conseqüentemente, vislumbrar o perfil dos alunos que compõem a instituição analisada. Referente ao gênero, 94,4% dos respondentes apontaram ser do gênero feminino e 5,6% do masculino. Desde muito tempo, o ofício da costura está ligado à figura feminina, essa é uma construção social e cultural, que até os dias atuais ainda prevalece e é vista em índices como este, evidenciando ser uma área tomada pelo público feminino (Frasquete; Simili, 2017).

Sobre a faixa etária, os resultados são diversos, nesta pesquisa a maior parte do público foi composta por pessoas com mais de 45 anos, porém o perfil dos alunos que procuram o curso de modelagem e costura nesta instituição varia de 18 anos até mais de 50 anos. As porcentagens completas podem ser vistas no Gráfico 1.

Gráfico 1: Faixa Etária



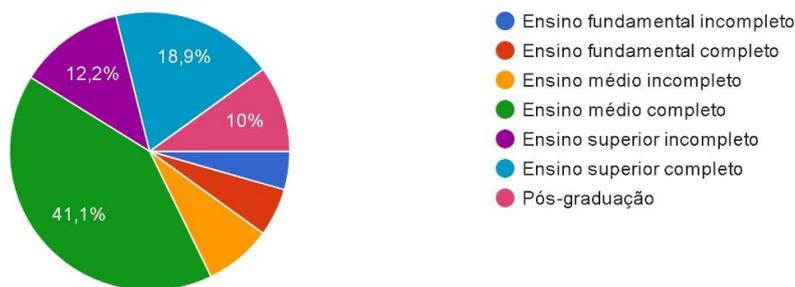
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Sobre a escolaridade (ver gráfico 2), se percebe que a maior parte dos participantes possui o ensino médio completo (41,1%) e o ensino superior completo (18,9%). Mas outros dados

chamam atenção, como as pessoas com ensino fundamental incompleto (4,4%) e ensino médio incompleto (7,8%), Guimarães e Morgenstern (2016) já pontuavam que a indústria de confecção, especialmente a área de costura, é responsável por empregar mulheres com baixa escolaridade.

Esses resultados levam à questionamentos e reflexões: seria o curso uma tentativa de resgatar o desejo pela educação? A procura pelo curso se deu por uma qualificação profissional não obtida antes? O interesse se deu por lazer ou necessidade? A realidade da vida dos alunos é algo particular, não é o foco entende-la, mas vale considerar que esta influenciou de uma forma ou de outra sua chegada e permanência no curso.

Gráfico 2: Escolaridade



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Até aqui se tem que os participantes da pesquisa são em sua maioria pessoas do gênero feminino, possivelmente mulheres, com idades acima de 40 anos e ensino médio completo. A seguir são apresentados os resultados referentes às suas percepções sobre o curso e aprimoramento profissional.

Foi perguntado o ano em que os participantes iniciaram o curso na instituição, e os resultados trouxeram alunos desde 1994 até 2023, englobando assim, aqueles que já concluíram o curso e aqueles que estão finalizando, por este motivo cabe destacar que os resultados deste estudo contemplam essas duas realidades.

A tabela 1 apresenta os resultados completos, o link do questionário foi encaminhado para diversos alunos que estavam nos registros da escola, alguns já não possuíam o mesmo número e outros não retornaram o contato, sendo assim, a maior parcela de participantes são alunos dos últimos 10 anos.

Tabela 1: Ano em que os alunos iniciaram na escola profissionalizante

ANO	QUANTIDADE DE ALUNOS
1994	1 Aluno
1998	2 Alunos
2005	1 Aluno
2010	1 Aluno
2013	2 Alunos
2014	2 Alunos
2015	2 Alunos
2016	3 Alunos
2017	8 Alunos

2018	10 Alunos
2019	10 Alunos
2020	5 Alunos
2021	8 Alunos
2022	11 Alunos
2023	24 Alunos

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Foi questionado aos participantes o motivo para que eles tenham decidido fazer o curso na instituição, e ao observar as respostas se percebe finalidades em comum. Alguns motivos presentes em diversas respostas foram: “*aperfeiçoamento*”, “*paixão por modelagem e/ou costura*”; “*necessidade profissional*”, “*busca por aprender algo novo*”, “*uso da costura como terapia*”, “*exercer uma profissão*”, “*acrescentar na renda*” e “*realização de um sonho*”.

Ao analisar esses resultados se percebe duas vertentes, uma de ordem pessoal e outra profissional. Ou seja, há o interesse daqueles que buscam o curso por gostar da área, por querer obter esse conhecimento e viver um sonho antigo.

Mas também há aqueles que visualizam no curso a possibilidade de ascender profissionalmente, ingressar no mercado de trabalho e contribuir em casa financeiramente. Isso é percebido pois a qualificação de profissionais da costura é capaz de contribuir para o crescimento deste setor (Guimarães; Morgenstern, 2016).

Nas respostas também se observou a motivação pelo curso por ser um momento terapêutico, quem sabe para tratamento de saúde. A modelagem e a costura tendem a ser atividades que exigem um trabalho manual e mental delicado e detalhista, que requer concentração, dedicação e entrega, visualizá-lo enquanto uma terapia amplia as noções que se pode ter sobre tais atividades e funções.

Em seguida perguntava-se de quais maneiras o curso foi positivo para o respondente. As respostas se apresentam com concordância com os achados acima, demonstrando que o curso contribuiu para um aperfeiçoamento profissional, inclusive na possibilidade de exercer uma profissão na área e no amadurecimento de técnicas de modelagem e costura e no uso dos equipamentos, como máquinas de costura.

R1: *Consigo ter uma clareza maior no que se refere a modelagem e na costura consegui entregar mais qualidade.*

R3: *Consegui aprender o passo a passo de modelagem para criar e interpretar novos modelos, além de técnicas de acabamento*

R14: *A costurar na máquina, pois nunca tinha costurado nem mesmo passado, uma linha em uma máquina, a cortar uma malha, os tipos de malhas.*

R15: *Sempre costurei de maneira bem simples, o básico. No curso aprendi técnicas de modelagem, acabamentos, tipos de tecidos. Um leque de oportunidades, apesar do tempo ser pouco, mas proporciona ao aluno fazer “N” modelos a partir dos moldes básicos.*

R18: *Hoje já costuro até pra fora*

R27: *Ainda não posso dizer que sei costurar minhas roupas, mas aprendi sobre máquinas, consegui desenvolver algumas peças, desenvolvi habilidades para pequenos*

concertos como fazer barra. E pra além do curso, de brinde conheci outras mulheres incríveis.

Além disso, mais uma vez se observa que o curso favoreceu uma melhor qualidade da saúde mental de alguns alunos, servindo como um período desprendido de suas questões pessoais. Pode-se dizer que o recurso humano possui influência nesse quesito, pois em algumas repostas pôde-se observar a relação afetuosa entre professores da instituição com os alunos e os cuidados que estes pareciam ter dentro da sala de aula.

R7: *Foi fundamental para minha saúde mental e aprender a lidar com a costura e as máquinas*

R31: *Psicologicamente pois, o processo de aprendizado no curso é muito didático e prazeroso.*

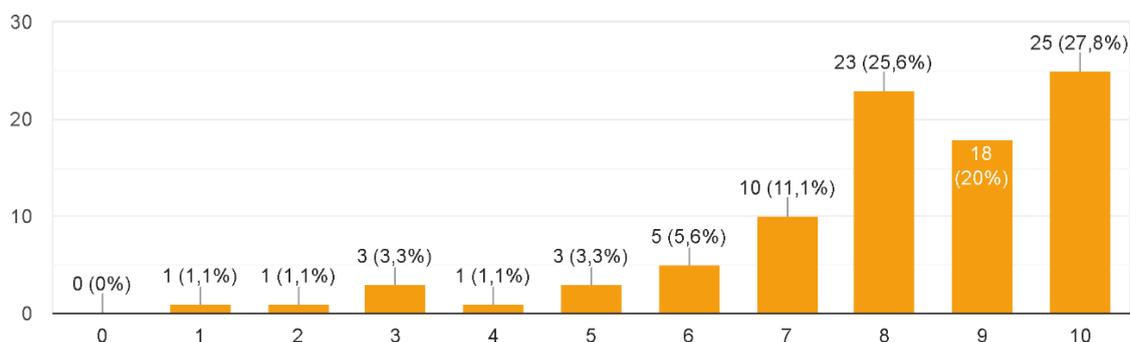
R32: *Curso é muito bom, porque lá vc aprender uma nova profissão e também o curso é uma terapia pra todos, eu sou outra pessoa graças ou curso.*

R72: *Ainda que eu não tenha concluído, por motivos pessoais! Posso dizer que aprendi muito com os ensinamentos da professora Josenísia. Passo por problemas psicológicos e a professora é uma grande profissional.. Ela sempre agia com paciência para com todos! Aprendi manusear as máquinas, cortes.. etc. Só gratidão!*

Tendo obtido essas perspectivas, foi perguntado de 0 a 10 o grau que os participantes do estudo indicavam de aprendizagem em modelar e costurar. Os resultados foram diversos, cabe ressaltar que a pesquisa contou com alunos atuais e ex-alunos, ou seja, aqueles que ainda estão no curso e não se desenvolveram por completo podem ter influenciado os resultados.

Para a aprendizagem em costura (Gráfico 3), a maior parte dos respondentes consideram que aprenderam a costurar, os graus 7, 8, 9 e 10 obtiveram resultados expressivos. No entanto também ficou visível que nem todos conseguiram alcançar esse patamar de técnica, entender quais motivos implicou nessa questão seria interessante, seria por motivos pessoais? de infraestrutura da escola? Acompanhamento do professor? São dúvidas que podem ser entendidas ao longo dessa discussão.

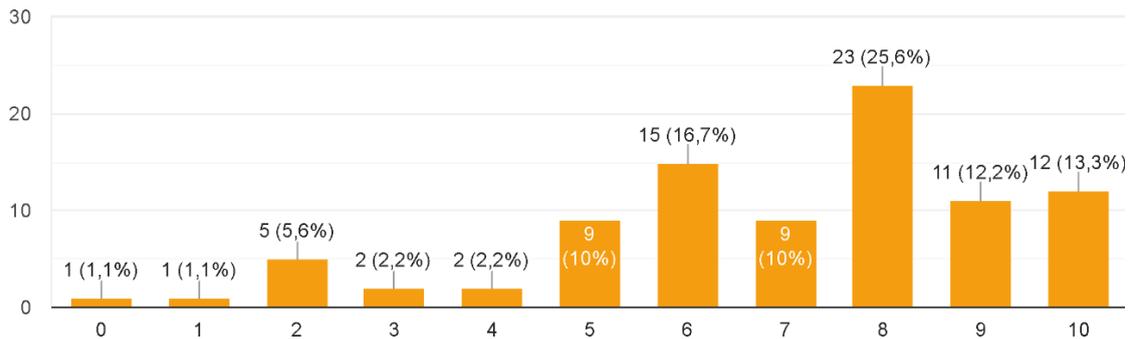
Gráfico 3: Índice de Aprendizagem em Costura



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Já referente à aprendizagem em modelar (Gráfico 4), os resultados foram um pouco mais diferentes, demonstrando que a maior dificuldade dos alunos têm sido aprender técnicas de modelagem. O grau “10” recebeu menos respostas do que a questão anterior, em comparação os graus “5” e “6” ganham um pouco mais de destaque. Para essa mesma questão, os questionamentos levantados anteriormente também podem ser considerados, e mais: por qual motivo modelar se torna mais difícil do que costurar?

Gráfico 4: Índice de Aprendizagem em Modelagem



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Considerando que foi perguntado o grau que os alunos apontavam ter aprendido a modelar e costurar. Depois dessa questão foi pedido para que eles indicassem suas dificuldades no curso e se elas foram supridas durante seu período na instituição. E os resultados confirmaram os dados dos gráficos 3 e 4, em que as principais dificuldades dos alunos são aprender a modelar e costurar.

R3: Modelagens mais variadas e técnicas de acabamento mais específicas devido ao volume de alunos e tempo de aula

R7: Na modelagem todas ,na costura montar o quebra cabeça kkkkkk (é assim que eu vejo, não que a professora não fosse boa pelo contrário ela é excelente.

R9: Traçar molde

R15: Devido a duração de curso, moldes mais elaborados, cortes alfaiataria, pregas e penses, mas com alguns conceitos passados nas aulas, e vendo vídeos na internet consegue desenrolar

R33: Modelagem, não sei fazer os moldes sem o auxílio da professora. Não sei colocar as medidas no papel.

R44: Aumentar ou diminuir o tamanho a partir de um molde

R55: A maior dificuldade de fato é continuar uma constância de costura e modelagem pós término de curso na escola. Pois, as aulas em si são muito didáticas, e aprendemos sem pressão.

R87: Minha maior dificuldade era de entender a modelagem e passar pro papel.

Vale destacar que o curso trabalha com modelagem plana, e se percebeu que muitas das dificuldades dos alunos perpassam por etapas apontas por Souza (2006) para a produção de

uma modelagem, sendo identificadas como problemáticas pelos alunos: verificação da tabela de medidas; traçado do diagrama das bases de modelagem; interpretação de modelo específico; preparação da modelagem para o corte do protótipo e graduação dos moldes.

Um adendo que se pode fazer para essa pergunta, é que algumas respostas apontam que a duração do curso não é suficiente para que possam aprender e/ou ganhar segurança para costurar e modelar. São dados relativos, pois a aprendizagem de cada um acontece em um ritmo e maneira diferente dos demais, mas ainda assim, é importante considerar essa realidade.

Tendo obtido as motivações, as dificuldades e desempenho em costurar e modelar, foi questionado se após o curso os participantes passaram a atuar na área. Vale frisar que o questionário contemplou alunos que ainda estão no curso e ex-alunos, no entanto, para esta questão foram consideradas apenas as respostas de ex-alunos, com foco em visualizar o potencial de empregabilidade do curso.

Em sua maioria, as respostas apresentaram o trabalho em casa, voltado para uma confecção pessoal e para família e amigos tem sido a ocupação de diversos egressos, mas que também, muitos tornaram-se empreendedores e criaram seu próprio ateliê de costura. Algumas respostas podem ser vistas abaixo.

R3: *Sim. Ateliê próprio.*

R18: *Em casa, faço ajustes e algumas peças de roupas*

R20: *O curso me deu mais confiança em atuar na área do mundo infantil (que é a vestimenta que me interessa), passei a ter confecção própria para aluguel e venda de vestidos infantis de luxo.*

R35: *Sim... No momento em casa, fazendo roupas pra mim , meus filhos e pra amigos*

R87: *Não, mas, montei um mini ateliê em casa, só pra fazer as coisas básicas só pq amo costurar*

E, além daqueles que optaram por trabalhar em casa, seja por comodidade, desejo próprio ou pela ausência de vagas no mercado, isto não foi especificado pelos respondentes, também houve pessoas que passaram a atuar em fábricas, pessoas que estão trabalhando em outras áreas, e, também, aquelas que por questões de infraestrutura, qualificação e afins, não se encontram atuando no ramo.

R16: *Sim, Fábrica*

R24: *Estou trabalhando numa fábrica de camisetas.*

R55: *Não, pois na medida que entrei no mercado de trabalho me identifiquei mais com a parte de marketing, fotografia. Mas, é um curso que nos ensina pra vida, e saber e ter conhecimento da modelagem, do caimento de um tecido, envolve toda a grande área profissional da moda.*

R58: *Fábricas*

R79: *Não, por ter outra profissão e não ter muito tempo*

R82: *Não, por não ter todas as máquinas.*

Esses dados remetem ao que Frassetto e Simili (2017) argumentam sobre a história da mulher no ofício da costura, especificamente, visto que pelo fato delas não poderem ocupar vagas de emprego na indústria passaram a costurar em casa, e apenas após luta e reivindicação, puderam adentrar no mercado, ocupando vagas de costureira. O que se visualiza é um cenário parecido, as ocupações vistas para mulheres no ramo da costura se dividem entre ateliês próprios e fábricas/confecções, como Novaes (2016) já destacava, desde o século XVI mesmo atuando como costureira nas fábricas, as mulheres não assumiam posições altas na hierarquia.

Embora seja uma área em crescimento na região, há uma escassez tanto de vagas de trabalho, quanto de mão-de-obra qualificada. Além disso, nem sempre aqueles que estão buscando por uma vaga permanecem em determinada empresa pelas condições de trabalho. São inúmeras questões que envolvem a aderência e permanência de pessoas trabalhando com modelagem e costuras no setor.

Chegando ao fim do questionário, foi perguntado se os respondentes indicariam o curso para outras pessoas, apenas uma resposta apontava que não, no entanto, mesmo sendo pedido que especificassem sua resposta, esta pessoa não detalhou. Todas as demais responderam que sim, que indicariam, pois o curso, como visto em respostas acima, possibilita uma capacitação profissional, é um momento de lazer e terapia, permite obter uma profissão, e quem sabe, se tornar um empreendedor, além de criar laços de amizade com os colegas e professores.

R1: *Sim. Sempre recomendo, pois acredito que, com dedicação, você consegue desenvolver suas próprias peças e atuar a área.*

R3: *Recomendo sempre. É uma porta de entrada pra quem deseja aprender e se qualificar na área.*

R4: *Sim. Porque é muito bom, capacitante e pode gerar renda própria*

R7: *Sim claro, além de ser uma excelente terapia você aprende uma profissão*

R14: *Sim, para obter conhecimentos e ter mais opção para emprego.*

R25: *Sim, porque é uma maneira de empreendedorismo.*

R32: *Sim, porque lá você aprende uma profissão, também sai da rotina e é uma terapia pra todos nós.*

R37: *Sim. Ótimo espaço para aprendizagem e networking onde é possível se desenvolver pessoal e profissionalmente!*

R72: *Sim.. claro! É um curso excelentíssimo.. a cada etapa de aprendizado, você vai vendo a magia acontecer.! E o melhor é o sentimento de satisfação .. Quando você faz sua primeira peça de roupa. De uma simples blusa ao mais sofisticado corte de um vestido.. etc. Lembrando que a grande diferença é ter por trás uma profissional que tem dedicação, competência, paciência.. Você chega no zero e sai capacitado para área de trabalho!*

Entende-se que essas pessoas indicam o curso, pois tiveram boas experiências e consideraram como proveitoso o tempo que passaram na instituição, e consideraram que o

trabalho desenvolvido nela é pertinente e promissor, sendo um pontapé para aqueles que desejam ingressar nesse ramo, alcançar uma vaga de trabalho ou montar seu próprio negócio.

Guimarães e Morgenstern (2016) apontam que a relação do professor com o aluno no ensino da costura favorece a aprendizagem e compreensão do que é ensinado. Emídio (2018) comenta ainda que professores de modelagem devem ser responsáveis por estimular nos alunos a resolução de problemas por meio da criatividade. Logo, a relação estabelecida em sala de aula é primordial para o ensino e aprendizagem, seja na costura, na modelagem ou qualquer área.

Por fim, a última pergunta questionava o que poderia ser melhorado no curso, os achados retomam resultados obtidos em perguntas anteriores, deixando um pouco mais claro o motivo das dificuldades encontradas no curso. Dentre as principais indicações estão: ampliar carga horária do curso, para que se tenham mais aulas, melhorar a infraestrutura e os equipamentos, para que se possa ter mais maquinário, de modo a otimizar os encontros. Além de distribuir a turma entre quem não tem conhecimento de modelagem e costura daqueles que já possuem, para que a aprendizagem seja igual para todos.

R27: *Cronograma com modelos a serem desenvolvidos ao longo só curso, apostila ou uma "ficha técnica" padrão mostrando os itens a ser modelados para peça, faz total diferença também turma menor para que o professor possa ministrar com mais atenção, mas entendo que a demanda não permite isso.*

R37: *Turmas menores para as professoras conseguirem dar mais atenção à dúvidas individuais e para o maquinário e espaço conseguir atender à todos.*

R44: *Na época que eu fiz, deveria melhorar as máquinas de costuras que eram precárias, mais opções de moldes. As empresas de costura oferecer materiais para o desenvolvimento dos alunos, como malha. Ter um elo entre a escola, empresas para um possível direcionamento de emprego dentro da área da costura.*

R77: *A seleção diferenciada por turma, de acordo com as dificuldades. Quem já sabe, que quer aprender só a modelar, ficar separado de quem realmente necessita aprender uma profissão de costureira, sem ser alvo de críticas e de deboche de quem já tem o domínio das máquinas. Isso dificulta muito a aprendizagem do aluno iniciante.*

R88: *Ter 05 aulas por semana.*

R89: *Abrir mais turmas, pelo menos na época em que eu fazia, só era pela manhã e noite.*

A escola não tem recurso do governo, o município cede o prédio e o professor, as pessoas não pagam para se matricular, mas precisam comprar o próprio material, ou seja, os tecidos. Acredita-se que essa também pode ser uma das dificuldades, se manter no curso tendo que adquirir seu próprio material. Outra melhoria apontada diz respeito à divulgação da prefeitura local para que a escola ganhe mais visibilidade e possa contar com ajuda de recursos por parte das empresas da região. Ações como esta fariam ela crescer ainda mais e alcançar um número maior de pessoas.

R11: *Ter mais investimento por parte da prefeitura e divulgação para que o curso cresça.*

R28: *Oferecer mais materiais.*

R30: *Que a prefeitura investisse mais no curso com linhas e ajudar na matéria prima .pois tem gente muito carente que não dispõe de valores de comprar pra ingressar no curso. Tem pessoas que tem vontade de aprender mais não tem condições de comprar a matéria prima.que por sua vez não é muito acessível o valor na nossa cidade*

R31: *O local onde acontece as aulas, poderia ser mais central e algumas máquinas poderiam ser mais atualizadas.*

R32: *Acho que a escola precisa de ajuda, porque não temos muito materiais, tem gente que não ter condições financeiras pra comprar os materiais que precisa.*

Esses resultados podem estar ligados às dificuldades apresentadas pelos alunos, visto que se percebe uma quantidade pequena de maquinário para a demanda existente, o que pode implicar no avanço da aprendizagem, além de materiais para que eles possam executar os projetos propostos. Cabe à direção da escola reunir-se com a gestão municipal para traçar estratégias e buscar meios para sanar tais problemas vistos pelos alunos.

No entanto, tais questões não retiram a relevância que a instituição possui para aqueles que lá frequentam e/ou já frequentaram, esta segue sendo uma das escolas profissionalizantes mais antigas da região, a qual tem capacitado e possibilitado que muitas mulheres, especialmente, tenham suas vidas transformadas pelo fato de terem conseguido exercer uma profissão no mercado de trabalho.

5. Considerações Finais

Tendo como objetivo analisar a percepção de alunos de uma escola de educação profissionalizante do Seridó/RN na área de modelagem e costura sobre o ensino da instituição e possibilidade de inserção no mercado de trabalho, esta pesquisa foi realizada com o auxílio de um questionário online que obteve 90 respostas, contemplando egressos e alunos regulares da instituição, os quais apontaram suas impressões e experiências ao decorrer do curso.

Os resultados mostraram que o público da escola investigada é em sua maior parte composto por mulheres acima de 40 anos que buscaram o curso por um desejo pessoal e por qualificação profissional. No mais, consideram que aprenderam a costurar e modelar e que estão atuando no mercado, seja de forma autônoma ou dentro de fábricas. Evidenciando que o curso contribuiu para sua qualificação e inserção no mercado de trabalho, o que tende a influenciar sua intenção de indicar o curso para outras pessoas.

A pesquisa mostrou também que melhorias na infraestrutura, no investimento, sobretudo nos materiais e equipamentos, e na quantidade de aulas são alguns dos apontamentos mais recorrentes entre os alunos. Esses dados revelam que a escola dispõe de capacidade para expandir suas atividades e públicos, desde que haja um maior investimento por parte da gestão municipal, a qual é responsável pela mesma.

Para as limitações da pesquisa, pode-se apontar a dificuldade em obter o contato dos alunos e, mais ainda, de ter um retorno deles quando encaminhadas mensagens e o link do questionário. Alguns não possuíam mais o número que estava cadastrado nos registros da escola e outros não responderam, mais de 200 contatos foram acionados e 90 se dispuseram a participar do estudo.

Como sugestão para pesquisas futuras, acredita-se que tentar alcançar um número ainda maior de participantes e incluir professores e ex-professores e a direção da escola na coleta de dados, para que se possa obter uma visão total daqueles que compõem tal instituição. Além disso, incluir uma pesquisa de satisfação com os alunos pode revelar ainda mais a qualidade do ensino, e conseqüentemente, a influência na capacitação desses alunos.

O mercado têxtil e da moda é bastante competitivo, cabe aqueles que desejam se inserir nessa área buscar cada vez mais se capacitarem e obter novos conhecimentos para mais oportunidades apareçam. Escolas profissionalizantes têm contribuído para essa qualificação, tanto no âmbito pessoal quanto profissional.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. **Perfil do Setor**: dados gerais do setor (atualizados em janeiro de 2023). 2023. Disponível em:

[https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-](https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor#:~:text=Produ%C3%A7%C3%A3o%20da%20confec%C3%A7%C3%A3o%20(vestu%C3%A1rio%20meias,em%202020%20(IEMI%202022))%3B)

[setor#:~:text=Produ%C3%A7%C3%A3o%20da%20confec%C3%A7%C3%A3o%20\(vestu%C3%A1rio%20meias,em%202020%20\(IEMI%202022\)\)%3B](https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor#:~:text=Produ%C3%A7%C3%A3o%20da%20confec%C3%A7%C3%A3o%20(vestu%C3%A1rio%20meias,em%202020%20(IEMI%202022))%3B). Acesso em: 15 out. 2023.

BIÉGAS, S.; VIEIRA, A. M.; LACHI, T. Tecnologia da modelagem na indústria de confecção: abordagem de ensino e prática. **Revista Tecnológica**, v. 1, n. 24, p. 13-23, jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/revtecnol.v1i24.24089>. Acesso em: 29 set. 2023

BORDIN, E. Z. **Ofício costureira**: um estudo sobre educação e as posições ocupadas no mercado de trabalho da confecção de vestuário na região metropolitana de porto alegre. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193385>. Acesso em: 28 set. 2023.

CREPALDI, R. N.; JAMIL, G. C. P. O uso de metodologias ativas nas práticas pedagógicas para ensino da modelagem tridimensional de vestuário de moda. **Revista científica de ciências aplicadas da FAIP**, v. 7, n. 13, p. 1-14, jun. 2020. Disponível em: http://faip.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/359vLjp88KOivgO_2020-6-25-16-34-6.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

DOMINGOS, S. F. P. A linguagem matemática no processo de ensino-aprendizagem de modelagem no curso superior de Tecnologia em Design de Moda: um estudo de caso em uma faculdade de Recife-PE. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 71-91, 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/16386>. Acesso em: 20 set. 2023.

EMÍDIO, L. de F. B. **MODELO MODThink**: o pensamento de design aplicado ao ensino-aprendizagem e desenvolvimento de competências cognitivas em modelagem do vestuário. 2018. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/f6237f5e-fa14-4d0d-aaee-460719d23956>. Acesso em: 25 set. 2023.

FRASQUETE, D. R.; SIMILI, I. G. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 267-283, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/60209>. Acesso em: 22 set. 2023

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, E. M.; MORGENSTERN, E. C. Ambiente virtual de aprendizagem para ensino de costura: um estudo fundado nas concepções intersubjetivas do conhecimento. **Design e Tecnologia**, v. 6, n. 12, p. 65-77, 30 dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.23972/det2016iss12pp65-77>. Acesso em: 20 set. 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, M. dos S.; SPAINE, P. A. de A. Modelagem Plana Industrial do Vestuário: diretrizes para a indústria do vestuário e o ensino-aprendizado. **Projetica**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 82-100, 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/7737>. Acesso em: 30 set. 2023.

MOTA, J. da S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovações**. v. 6, n. 12. p.371-380, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 27 dez. 2023.

NOBREGA, L. C. O.; OLIVEIRA, A. **Máquinas de costura: tipos, preparo e manuseio**. São Paulo: Érica. 2015

NOVAES, C. A. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa - MG**. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Magister Scientiae, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/9963/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

NUNES, R. de C.; ROCHA, M. A. V. O ensino de modelagem do vestuário na perspectiva do Design da Informação. **Achiote: Revista Eletrônica de Moda**, [S.L], v. 6, n. 2, p. 95-112, dez. 2018. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/achiote/article/view/6632>. Acesso em: 22 set. 2023.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, B. P.; PEREIRA, A. C. Nem todo trajeto é reto: limites e possibilidades para a sensibilização dos estudantes de design de moda por meio do ensino de modelagem. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 11-29, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/17047>. Acesso em: 29 set. 2023.

SOUZA, P. de M. **A modelagem tridimensional como implemento do processo de desenvolvimento do produto de moda**. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenho Industrial, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/items/b91963ce-f933-4deb-ade2-048147a48b38>. Acesso em: 25 set. 2023.

TEIXEIRA, A. D.; BRITO, A. B. S.; NASCIMENTO, C. A. P.; ARAÚJO, J. M. S.; SOARES, J. D.; BERNARDINO, W. de L.; BRITO, M. L. de A. O impacto das facções têxteis no Seridó. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/666>. Acesso em: 29 set. 2023.